



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DANIELLY SCALONE MACIEL

**ATUALIZAÇÕES DOS ESTUDOS RACIAIS NA PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

DANIELLY SCALONE MACIEL

**ATUALIZAÇÕES DOS ESTUDOS RACIAIS NA PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof. Me. Pamela de Souza Gonzaga.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M319a Maciel, Danielly Scalone.
Atualizações dos estudos raciais na psicologia brasileira
[manuscrito] : uma revisão de literatura / Danielly Scalone
Maciel. - 2022.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Pamela de Souza Gonzaga ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicologia. 2. Relações Raciais . 3. Racismo. 4.
Epistemicídio. I. Título

21. ed. CDD 305.8

DANIELLY SCALONE MACIEL

**ATUALIZAÇÕES DOS ESTUDOS RACIAIS NA PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduação em Psicologia.

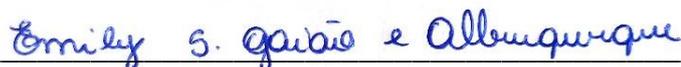
Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 22/07/2022.

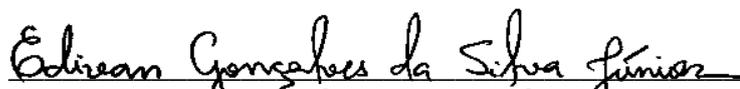
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Pamela de Souza Gonzaga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Emily Souza Gaião e Albuquerque
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas.” (Fanon, 2008, p. 85).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Descrição do processo metodológico.....	12
------------	---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização das publicações.....	12
Quadro 2 – Características metodológicas.....	14
Quadro 3 – Organização das categorias e subcategorias.....	14

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CREPOP	Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
Renafro	Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Epistemicídio e discursos marginais na psicologia.....	10
2	METODOLOGIA.....	10
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
3.1	Categoria de objetivos.....	14
3.2	Categoria de resultados.....	15
4	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21

ATUALIZAÇÕES DOS ESTUDOS RACIAIS NA PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Danielly Scalone Maciel¹

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo analisar a produção científica sobre a temática racial dentro da Psicologia brasileira nos últimos cinco anos, a partir de uma revisão sistemática de literatura. Durante o procedimento de busca, foram pesquisados os descritores Psicologia, Subjetividade, Saúde, Raça, Racismo, Relações Raciais e Negro nas bases de dados Pepsic, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde. Através da análise de conteúdo de vinte produções, pode-se notar que a psicologia tem demonstrado interesse no estudo das repercussões do racismo, na promoção de ações em saúde da população negra e em refletir sobre a produção de conhecimento, a partir da identificação de apagamentos epistemológicos. Nesse sentido, os estudos sobre branquitude, o epistemicídio e a perspectiva decolonial ganham destaque dentro do movimento de mudança de olhar da psicologia brasileira contemporânea no que se refere às relações raciais. Diante dos resultados, constatou-se a importância do ensino e capacitação profissional para que ocorra uma diferença concreta em termos de promoção de saúde para a população racializada, tendo em vista dificuldades e desafios metodológicos para serem superados em investigações e produções futuras.

Palavras-chave: Psicologia. Relações Raciais. Racismo. Epistemicídio.

ABSTRACT

The present article aimed to realize a literature systematic review analyzing the scientific production about the racial thematic inside Brazilian psychology in the last five years. During the search procedure, the descriptors Psychology, Subjectivity, Health, Race, Racism, Racial Relations and Black were searched in Pepsic, Scielo and Biblioteca Virtual em Saúde databases. Through content analysis of twenty productions it can be noted that psychology have demonstrated interest in the study of the repercussions of racism, on promoting health actions of the black population and reflecting about the knowledge production, from the identification of epistemological deletions. In this sense, the studies about whiteness, the epistemicide, and the decolonial perspective gain prominence within the movement to change the perspective of contemporary Brazilian psychology with regard to racial relations. It was found the importance of the education and professional capacitation to cause a difference in terms of promoting health for the racialized population, in view of the difficulties and methodological challenges to be overcome in future investigations and productions.

Keywords: Psychology. Racial Relations. Racism. Epistemicide.

¹Estudante de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba. danielly.maciell@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, a Psicologia brasileira vem sendo provocada, de maneira teórico-epistemológica e metodológica, a produzir em função da saúde mental da população negra. Porém, muito antes, intelectuais negras já produziam conhecimento a partir do estudo das relações raciais, no que se refere à condição de vida e saúde de negros na realidade brasileira, como no caso de Virgínia Bicudo e Neusa Santos Souza (OLIVEIRA, 2020). Em 2002, o trabalho de Maria Aparecida da Silva Bento sobre a Branquitude marca uma outra nuance dos estudos raciais a serem explorados pela psicologia brasileira, assim como outros estudos organizados por ela e Iray Carone no livro “Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil”.

Apoiando-se nessas produções, nas vivências das pessoas racializadas e nos debates pautados nas lutas coletivas e de movimentos sociais, os profissionais da psicologia têm se esforçado para refletir criticamente sobre a construção social da raça, os modos pelo qual o racismo opera e estrutura a vida, e os efeitos psicossociais desse fenômeno no contexto brasileiro. Sobre isto, Schucman, Nunes e Costa (2017) afirmam que

A construção social da raça e do racismo são os principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas vividas pelo povo brasileiro. Perpassam os modos de subjetivação e socialização dos sujeitos negros, brancos, mestiços/pardos e indígenas, nos mais variados espaços públicos e privados, estruturando as condições e possibilidades de trabalho, de estudo, de vínculo (incluindo o casamento e as relações amistosas), de liberdade, de lugar onde morar e a forma de morrer. [...] Afeta a possibilidade de os negros garantirem o presente, planejarem o futuro, realizarem sonhos, satisfazerem necessidades. Igualmente, afeta as condições materiais e simbólicas dos brancos, que, de maneira geral, usufruem das situações mais privilegiadas. (p. 145).

Apesar do esforço, são poucos os estudos produzidos sobre racismo ou que se relacionem com a vivência do negro enquanto ser político, como também, são raras ou inexistentes menções à raça e racismo nas grades curriculares dos cursos de Psicologia (SCHUCMAN, NUNES, COSTA, 2017). Esse dado pôde ser observado por Macedo, Silva e Dimenstein (2021) através da análise de 21 Projetos pedagógicos e 111 ementas de disciplinas dos cursos de Psicologia, em busca de menções às discussões de gênero e étnico-raciais. Apenas 2 ementas, de disciplinas optativas, traziam menções às relações étnico-raciais.

O presente artigo foi elaborado como trabalho de conclusão do curso de graduação em psicologia, que começou em 2016 e está se encerrando em 2022, e, assim como em outros cursos que aparecem na pesquisa de Macedo, Silva e Dimenstein (2021), este não se encontrou com as discussões étnico-raciais. Como justificativa para realização desse artigo, resgatou-se a importância do exercício do compromisso ético-político da Psicologia para com a sociedade e os grupos historicamente excluídos, como exemplificado na Resolução nº 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), e na cartilha “Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os” do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), que estabelecem diretrizes e orientações para atuação de psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Ainda, foi considerada a ausência de um debate satisfatório acerca da temática étnico-racial e a necessidade coletiva de tensionamento dentro da Psicologia para que se amplie a

compreensão do conceito de raça e os impactos desse determinante nos modos de vida social e na produção de sofrimento.

Nesse sentido, o presente artigo teve como objetivo analisar a produção científica sobre a temática racial dentro da Psicologia brasileira nos últimos cinco anos, a partir de uma revisão sistemática de literatura. Buscou-se contribuir para a discussão da temática, localizando os estudos raciais construídos na psicologia e observando o conteúdo sob qual se sustentam tais produções.

1.1 Epistemicídio² e discursos marginais na psicologia

A edição especial da Revista Psicologia: Ciência e Profissão (ALVES, COSTA, CASTELAR, 2020) organizou estudos que trataram o racismo como fenômeno central em seus debates, assumindo o desafio de se desfazer do silêncio epistemicida sobre raça, que por muito tempo fez com que psicólogos e psicólogas não analisassem ou considerassem o nexo entre o sofrimento vivenciado pela população negra e o sistema de dominação racial operado no Brasil.

O silêncio sobre o sofrimento vivenciado pela população racializada diz de uma dificuldade de falar e ser ouvida dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo, e a posição de marginalidade que é socialmente reservada para essa população, como afirma Grada Kilomba (2019) ao tratar da descolonização do conhecimento. Quando se trata de produção de conhecimento, a hierarquização de poder e a autoridade racial é determinante para validação e reconhecimento de uma verdade ou um saber, do que pode ser estudado academicamente ou não, do que pode ser considerado como científico ou não (KILOMBA, 2019).

Macedo, Silva e Dimenstein (2021) chamam atenção para inserção de novos debates e perspectivas no âmbito da academia, políticas públicas e trabalho em saúde que têm fomentado importantes reflexões críticas e rompido com saberes hegemônicos da psicologia como ciência e profissão. Os discursos marginais ou a marginalidade representam um lugar radical no qual é possível criar novos discursos críticos (hooks, 1989 apud KILOMBA, 2019) dentro dos estudos raciais nos processos de formação.

É possível que essas perspectivas contra-hegemônicas ajudem a fortalecer uma psicologia antirracista, suscitando métodos e teorias, saberes e cuidados. O conhecimento, a aproximação e a consideração destas perspectivas antirracistas nos interessa, uma vez que é preciso atender a um compromisso ético-político endereçado às demandas daqueles que estão em posição de marginalização, vulnerabilidade e sofrimento.

2 METODOLOGIA

Segundo Brizola e Fantin (2016) a Revisão da Literatura se configura como uma reunião de ideias sobre determinada temática, acessadas a partir de pesquisas e leituras críticas de autoria diversa, gerando, assim, uma documentação. Os autores pontuam que a revisão da literatura é tradicionalmente associada a análises de produções anteriores sobre a temática e a discussão do material encontrado sob um referencial teórico, sendo um método de extrema relevância visto que serve para “mapear, encontrar, avaliar criticamente, consolidar e agregar os resultados de

²Ferramenta colonial de aniquilamento dos saberes e da cultura produzida pelo outro (Boaventura de Sousa Santos, 1999).

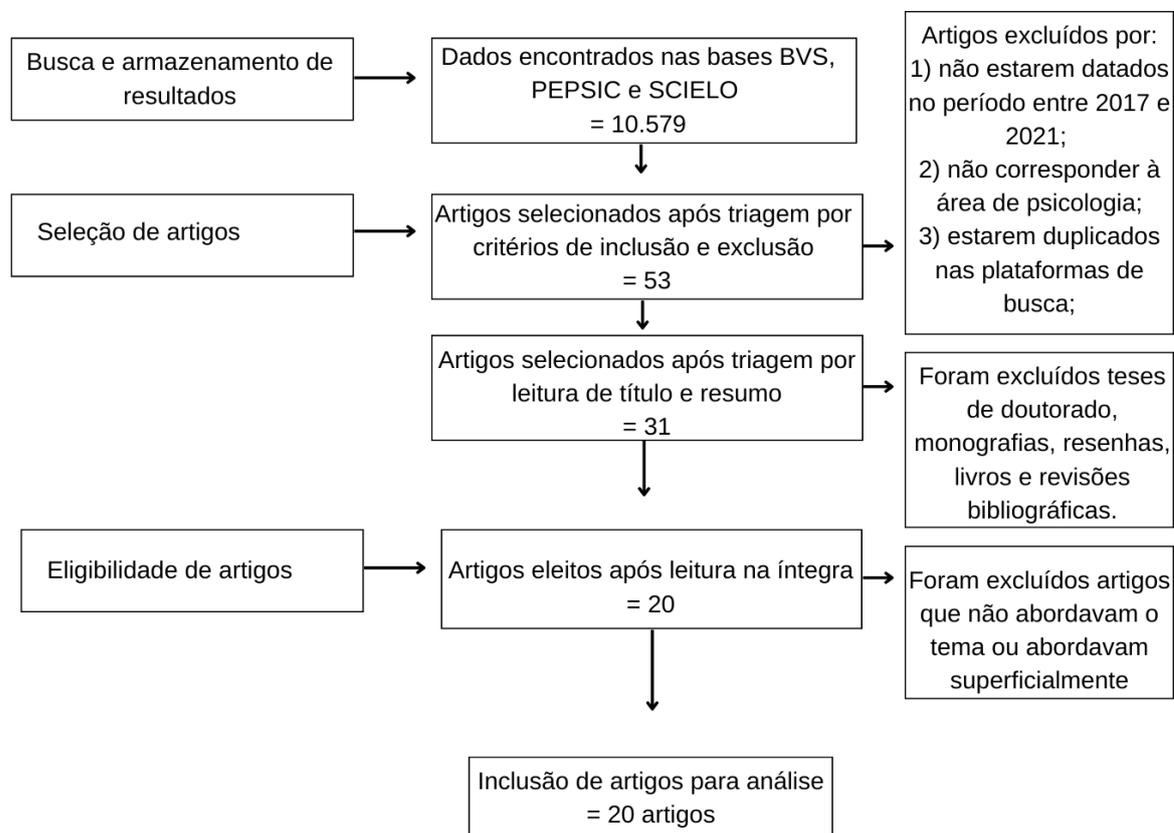
estudos primários relevantes sobre uma questão ou tópico específico, bem como identificar lacunas a serem preenchidas, resultando em um relatório coerente ou em uma síntese” (MORANDI, CAMARGO, 2015 apud BRIZOLA, FANTIN, 2016, p. 29-30).

A fim de aumentar o potencial de busca e sistematizar a construção de um trabalho crítico, se fez necessário seguir algumas etapas como: a) delimitação da questão a ser pesquisada; b) escolha das fontes de dados; c) eleição das palavras-chaves para busca; d) busca e armazenamento dos resultados; e) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; f) extração dos dados dos artigos selecionados; g) avaliação dos artigos e h) síntese e interpretação dos dados (AKOBENG, 2005 apud COSTA, ZOLTOWSKI, 2014).

A princípio, os descritores foram escolhidos a partir de uma busca no banco de terminologias da BVS. Entretanto, quando aplicados nas bases de dados, não mostraram uma quantidade satisfatória de resultados e estes estavam distantes do tema da pesquisa. Posteriormente, optou-se por realizar uma busca através dos termos que apareciam com mais frequência nos descritores de artigos tocantes ao tema da pesquisa. Desse modo, os termos utilizados como descritores para busca foram *Psicologia, Subjetividade, Saúde, Raça, Racismo, Relações raciais e Negro*, sendo estes pesquisados sozinhos e relacionados, nas bases de dados Pepsic, Scielo e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), durante o mês de setembro de 2021.

Como critério de inclusão, considerou-se os artigos científicos disponibilizados online completos e publicados no Brasil, em português, na área de psicologia, entre os anos de 2017 e 2021, a partir das bases de dados citadas. Foram excluídas as produções como teses de doutorado, monografias, resenhas, livros, assim como, produções que utilizavam revisões bibliográficas como único aporte e que eram compostas por estudos datados de um período diferente ao adotado no critério de inclusão.

Durante o procedimento de busca foram encontrados o total de 10.579 artigos. Dentre estes, foram descartadas 10.525 produções que: 1) não estavam datadas no período entre 2017 e 2021; 2) não correspondiam à área de psicologia; e 3) estavam duplicadas nas plataformas de busca. Em seguida, os 54 artigos restantes foram submetidos à leitura de título e resumo, sendo então descartadas 23 produções que fugiam do tema e interesse da revisão. Após a leitura na íntegra dos 31 artigos restantes, 20 produções foram selecionadas e analisadas a partir da metodologia de Análise de conteúdo proposta por Bardin, como pode-se observar na figura 1. A análise é organizada a partir de três fases: a pré-análise, momento de sistematização das ideias iniciais; a exploração do material, etapa em que se codifica o material encontrado; e, por fim, o tratamento e interpretação dos resultados. Para tanto, pode-se utilizar um sistema de categorias, responsável por isolar e reorganizar os dados obtidos para análise (BARDIN, 2016).

Figura 1 - Descrição do processo metodológico.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de 20 produções, foram identificadas publicações em todos os anos entre 2017 e 2021. Pode-se perceber um maior número de publicações no ano de 2020, contando com nove artigos. Em sequência, o ano de 2019 (n=7) e o ano de 2021 (n=2). Por último, os anos de 2017 e 2018 apresentaram uma publicação cada, como demonstra o Quadro 1. Destaca-se o grande aumento no número de publicações a partir do ano de 2019, dado que se mostra ainda crescente quando se nota a quantidade de publicações em 2020, podendo indicar uma maior atenção e debate sobre a temática racial na área da psicologia. Em contraponto, há um decréscimo no total de publicações no ano de 2021, dado que pode ser interpretado em relação ao contexto da pandemia do Covid-19 vivenciado no referente ano, assim como, por a pesquisa não ter abrangido publicações posteriores a setembro de 2021.

Quadro 1 - Caracterização das publicações.

Ano	Quantidade de publicações	Título das publicações
2017	1	A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do "Objeto da Ciência" ao Sujeito Político.

2018	1	O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo.
2019	7	Atitudes étnico-raciais: elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da pop. negra como questão. “Pretitude” e o Afroperspectivismo em Psicoterapia: Desafios para a Abordagem Gestáltica. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro experiências e percepções de mulheres negras. Raça e Política de Assistência Social: Produção de Conhecimento em Psicologia Social.
2020	9	Corpo, Cultura e Subjetividade: Uma Abordagem Psicológica da Normatividade Branca. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Projeto Dia do Orgulho Negro: uma experiência de saúde antirracista na Atenção Básica. Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador- Bahia. Publicações nas revistas de psicologia e relações raciais. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro.
2021	2	Racismo, trabalho e psicologia: Provocações ético-políticas à luz da pandemia pela COVID 19. Branquitude e Educação: Um Estudo com Professoras de Escolas Públicas.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

No que diz respeito ao delineamento metodológico das produções, observou-se a predominância de pesquisas exploratórias e qualitativas. Entre as metodologias, descritas no Quadro 2, destaca-se o uso de entrevistas (n=6), análise de conteúdo (n=4) e relato de experiência (n=3). Sobre as características metodológicas, é interessante observar a existência de pesquisas multimétodos, ou seja, que se valeram de mais de um aporte metodológico, assim como, observar os trabalhos que não demarcavam a metodologia utilizada (n=5), podendo indicar dificuldades e desafios metodológicos no tocante à temática racial.

Quadro 2 - Características metodológicas.

Característica metodológica	Quantidade de publicações
Análise de conteúdo	4
Relato de Experiência	3
Análise institucional	1
Entrevista	6
Revisão de literatura	2
Análise quantitativa	1
Pesquisa documental	1
Revisão narrativa de literatura	1
Sem delineamento metodológico	5

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Os objetivos e os resultados dos artigos foram organizados como categorias, cada uma dando origem a quatro subcategorias, descritas no Quadro 3.

Quadro 3 - Organização das categorias e subcategorias.

Categorias	Subcategorias
Objetivos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abordagem das relações raciais 2. Práticas racializadas 3. Formação Acadêmica 4. Racismo e Reforma Psiquiátrica
Resultados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolvimento de instrumento 2. Pistas para um cuidado antirracista 3. Tensionamentos na produção de conhecimento 4. Capacitação Profissional

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

3.1 Categoria de objetivos

Ao realizar a análise dos objetivos dos artigos encontrados nesta revisão, foram identificadas quatro subcategorias principais: *abordagem das relações raciais*, *práticas racializadas*, *formação acadêmica*, e *racismo e reforma psiquiátrica*. A partir dessa categoria, pode-se notar que a psicologia tem demonstrado interesse em refletir sobre a produção de conhecimento, a partir da identificação de apagamentos epistemológicos e do racismo presente na literatura da ciência psicológica. Também é perceptível o interesse no estudo das repercussões do racismo, a promoção e divulgação de ações em saúde da população negra, além do fortalecimento destas em diversas áreas de atuação e abordagens dentro da psicologia.

A subcategoria *abordagem das relações raciais* concentra a maior quantidade de artigos, contendo nove produções que tiveram como objetivo abordar teórica e/ou metodologicamente as relações raciais. Os artigos se propuseram a discutir a temática racial e ideias racistas que repercutiram na psicologia, na tentativa de contribuir para

a compreensão do funcionamento do “*racismo à brasileira*”³ e para formulação de uma abordagem psicológica das relações raciais. Para tanto, alguns artigos realizaram um resgate histórico das ideias produzidas na psicologia sobre a temática racial, descrevendo um grande repertório de racismo científico (SCHUCMAN, MARTINS, 2017; MAIA, ZAMORA, 2018). Com intuito de contribuir para formulação de uma abordagem psicológica das relações raciais (ABREU, LIMA, 2020), também buscaram analisar como a raça e o racismo eram produzidos e como estes produzem subjetividades, de outro modo, como as relações raciais eram vivenciadas (FERNANDES, PEREIRA, 2019; SCHUCMAN, GONÇALVES, 2020; GONZAGA, CUNHA, 2020).

Sete artigos compõem a subcategoria *práticas racializadas* pois tiveram como objetivo a discussão ou apresentação de práticas que consideram as identidades raciais um marcador importante na atuação profissional. Estes textos buscaram versar sobre os atravessamentos das diferenças raciais e do racismo na prática profissional e apresentaram experiências e projetos de enfrentamento ao racismo. Os relatos de experiência dessa subcategoria compartilharam ações de promoção de saúde voltadas à população negra, através do serviço público, atendimentos clínicos e práticas de acolhimento grupal (TAVARES, KURATANI, 2019; NASCIMENTO, et. al., 2019; MESQUITA, 2020). A repercussão do racismo e experiência de pessoas negras em terapia foi interesse de trabalhos desta subcategoria, investigando, por um lado, como se deu a escuta dessas questões no espaço clínico (GOUVEIA, ZANELO, 2019), e por outro, a identificação e combate ao racismo pelos profissionais (MARTINS, ZAMORA, 2021; BENEDITO, FERNANDES, 2020; JESUS, SANTANA, CASTELAR, 2020). Cabe ressaltar que os trabalhos desta subcategoria abordaram a temática racial a partir dos conceitos de *branquitude*⁴ e da *negritude*⁵.

Dois artigos tratam da *formação acadêmica* tendo como objetivo discutir a formação dos cursos de Psicologia no Brasil, considerando os projetos pedagógicos e as bases curriculares dos cursos, para entender se e como a temática racial tem sido abordada (CARVALHO, SOUZA, MACEDO, 2020). Ao discutir a produção de conhecimento na academia, os textos pontuam apagamentos epistemológicos que se desdobram em fragilidades na formação dos profissionais de psicologia influenciando a compreensão dos impactos do racismo nas subjetividades negras (VEIGA, 2019).

A subcategoria *racismo e reforma psiquiátrica* também contém dois artigos. Estas produções tiveram como objetivo discutir o racismo no campo da saúde mental, buscando compreender como a relação entre loucura e a raça negra foi forjada no Brasil (DAVID, VICENTIN, 2020) e os desafios da inclusão do combate ao racismo na Reforma Psiquiátrica brasileira (IGNÁCIO, MATTOS, 2019), a partir da atividade de um Grupo de Trabalho do Ministério da Saúde.

3.2 Categoria de resultados

Os principais resultados das publicações foram organizados em quatro subcategorias: *Desenvolvimento de instrumento*, *Tensionamentos na produção de conhecimento*, *Capacitação profissional* e *Pistas para um cuidado*

³Termo utilizado para designar uma modalidade de racismo cordial em uma aparente democracia racial, como no contexto de miscigenação brasileira (Fernandes, Pereira, 2019).

⁴A branquitude se refere ao lugar de poder do branco em uma sociedade baseada na hierarquização racial (Schucman, 2012).

⁵O termo *negritude* foi comumente utilizado para representar o povo negro e suas vivências íntimas por Aimé Césaire (1939).

antirracista. Cinco produções desta última subcategoria apresentam resultados que também podem ser analisados a partir de outras subcategorias.

De modo geral, as publicações discutem seus resultados a partir de uma noção de raça enquanto categoria social, longe de ideários racistas identificados na história da psicologia enquanto ciência. Os estudos sobre branquitude, o epistemicídio e críticas a epistemologias eurocêntricas, assim como, a perspectiva decolonial, ganham destaque dentro do movimento de mudança de olhar da psicologia brasileira contemporânea no que se refere às relações raciais. É notável o esforço para fazer circular experiências positivas de construção de um cuidado antirracista, e as críticas ético-políticas que tornaram possível essas experiências, apesar do baixo nível de absorção dessas construções e saberes dentro dos espaços de formação e capacitação profissional. Nesse sentido, a resolução nº 018/2002, do CFP, e a cartilha de referências técnicas sobre relações raciais elaborada pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP, 2017), aparecem como base legitimadora de debates técnico-científicos dentro da categoria de psicólogos, sendo potencializado na medida em que o debate se aproxima de movimentos sociais, da realidade brasileira, e da população em geral.

A subcategoria *Pistas para um cuidado antirracista* concentrou a maior quantidade de artigos, sendo um total de nove publicações. Os textos agrupados nessa subcategoria apresentaram direcionamentos para construção de uma prática de cuidado em que os impactos subjetivos do racismo sejam considerados e o sofrimento decorrente seja minimizado, trazendo, a partir do resultado de experiências e reflexões, algumas pistas de como o enfrentamento ao racismo pode-se dar no campo da psicologia e nas suas áreas de atuação.

Nesse sentido, mobilizado pelo entendimento de que uma clínica antirracista não pode acontecer sem um resgate epistemológico de produções negras, Veiga (2019) propõe direções clínico-políticas como o resgate do conceito de *Pulsão palmarina*, desenvolvido por Nobles, e da noção de *Ritmo* proposta por Naim Akbar, assim como, o *aquilombamento*⁶, fundamental na promoção de saúde mental da população negra, no que se refere ao encontro de negros, sejam estes pacientes, profissionais e/ou acadêmicos.

Ainda, tratando dos efeitos do racismo no corpo e subjetividade dos negros, o autor destaca o sentimento de culpa e auto-ódio atrelados as condições socioeconômicas de negros e sua posição em relação aos privilégios da branquitude, e sugere que uma direção de cuidado desses afetos seria encontrar meios de devolver para a branquitude a responsabilidade sobre a violência do racismo, fomentando empoderamento no lugar do auto-ódio (VEIGA, 2019).

Outros textos desta subcategoria também contribuem com pistas para construção de um cuidado clínico. A partir da experiência de encontro grupais entre pessoas negras ressaltou-se a importância da escuta e acolhimento como ferramentas que proporcionam cuidado e reconhecimento de si, gerando afetos positivos entre estas pessoas, o que por sua vez, reafirma características positivas desta população (NASCIMENTO, *et. al.*, 2019), como também defendido por Veiga (2019). Através dos encontros, pessoas negras puderam refletir sobre características anteriormente consideradas individuais, mas que encontram forte associação com o sofrimento produzido pelo racismo, como uma elevada autocrítica, busca por alto

⁶ Resgata a experiência das construções dos quilombos, responsável por garantir o restabelecimento do senso de identidade e de coletividade de negros escravizados, pensando nos efeitos subjetivos dessa experiência que permitiu que muitos sobrevivessem e transmitisse em terras brasileiras as heranças culturais da África (Veiga, 2019).

desempenho escolar, problemas com a própria imagem, sentimento de não-pertencimento e inadequação. Diante disso, o reconhecimento das necessidades emocionais dessa população, a afirmação positiva da identidade e cultura negra foram caminhos traçados na produção de cuidado e intervenção clínica (NASCIMENTO, *et. al.*, 2019).

Partindo da mesma lacuna de conhecimento, métodos e estratégias de intervenção para as repercussões do racismo, Tavares e Kuratani (2019) compartilham resultados de experiências de manejo clínico em que o cuidado com a população negra é representado por aspectos da relação terapêutica, como o estabelecimento de vínculo seguro e saudável, fator importante de se considerar diante da dificuldade que pessoas negras podem apresentar em construir vínculos saudáveis, que não reforçam uma representação da população negra como inferior, desagradável, inadequada e potencialmente violenta. Outros aspectos desenvolvidos no processo terapêutico também foram destacados, como a elevação da autoestima e desenvolvimento da capacidade de autocuidado por parte das pessoas atendidas. No que se refere ao exercício do terapeuta, as autoras apontam que os profissionais dependem de um "letramento racial"⁷ para identificar como o sofrimento psíquico da pessoa atendida se relaciona com a experiência de racismo, além de refletirem sobre seus possíveis privilégios raciais e contribuições para a manutenção da violência racial.

Benedito e Fernandes (2020) também contribuem com apontamentos para uma prática de cuidados antirracistas por psicólogos. Em seu trabalho, os autores mostram que foram observadas incertezas em relação à capacidade profissional desempenhada em situações que trazem como conteúdo a discriminação, o preconceito e a inferioridade relacionada a raça. Os autores apostam na apropriação histórica como caminho de compreensão dos fenômenos raciais, sendo possível fazer da clínica psicológica um espaço para superação e elaboração desses fenômenos, fortalecendo processos de reconhecimento dos sujeitos como pessoas racializadas. Ressalta-se, ainda, que esse trabalho clínico é construído a partir do processo de racialização tanto das pessoas em atendimento quanto dos profissionais.

Sobre isto, Schucman e Gonçalves (2020) destacam a demanda crescente por psicólogos pretos, associada à emergência de teorias que partem de processos de racialização, tanto epistemológica quanto da identidade do profissional. As autoras também corroboram com a necessidade de se ter um letramento racial para o exercício de cuidado antirracista, e indicam que a clínica pode se configurar como um lugar de não assujeitamento da pessoa negra e de reverberação de discursos que essas pessoas constroem no exercício de autonomia e protagonismo.

Também foram encontradas pistas para implementação de práticas antirracistas na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no tocante às tarefas antimanicomiais da Reforma Psiquiátrica Brasileira. David e Vicentin (2020) afirmam que não haverá de fato uma reforma psiquiátrica no Brasil enquanto a luta antimanicomial não compor com a luta antirracista, colocando como urgente a construção de um projeto radical de atenção aos efeitos do racismo no centro dos debates da saúde mental brasileira. Os autores resgatam a noção de *aquilombamento* para romper com a manicomialização histórica da negritude, e sugerem que é necessário buscar outros modelos de desinstitucionalização, decoloniais, que incorporem os saberes e modos de vida afro-ameríndios, à exemplo da Rede Nacional

⁷ Estudo e leitura racial capaz de permitir a expressão das concepções sobre raça e racismo, a capacidade identificação e compreensão de códigos e práticas racializadas da sociedade, e o reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude (Santos, Schucman, 2015).

de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (Renafro). Ignácio e Mattos (2019) constataram uma falta de sensibilidade étnico-racial na RAPS, a exemplo da identidade racial ser dificilmente considerada na construção do Projeto terapêutico singular. A dificuldade de profissionais em lidar com efeitos do racismo na saúde mental é apontada pelos autores enquanto impasse para uma prática de cuidado antirracista na RAPS. Neste caso, a angústia do profissional em não saber lidar com seu próprio racismo e com o sofrimento do usuário relacionado ao racismo deveria ser considerada, com atenção ao risco de reduzir a temática e violência racial a pessoas negras e usuários.

As demais publicações desta subcategoria tiveram a pandemia do Covid-19 como cenário de debate sobre a urgência de um cuidado antirracista. Nesse cenário, foi apontado a intensificação do sofrimento gerado pela violência racial e a precarização da condição de vida e trabalho de pessoas negras, sendo então necessário fortalecer dispositivos de cuidado existentes, como no caso da Política nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), e criar outros dispositivos e políticas públicas que atuem com promoção de saúde no trabalho, atingindo diretamente a população negra precarizada e socialmente vulnerável (Neto, *et. al.*, 2021).

Outro direcionamento com vistas a estimular um cuidado antirracista está relacionado a posição que mulheres negras ocupam socialmente no exercício do cuidado da família e comunidade. Gonzaga e Cunha (2020) apontam para necessária redistribuição da responsabilidade depositada nas mulheres negras, partindo da criação de outras formas de viver que não ocidentais, patriarcais e brancas.

Seis artigos compõem a subcategoria *Tensionamentos na produção de conhecimento*, sinalizando a marginalização dos estudos étnico-raciais e a falta de produção de respostas que contribuam para a redução do racismo. Os textos apostam em uma mudança no olhar da psicologia sobre as relações raciais, tensionando a descolonização desse saber, com destaque para a discussão sobre *branquitude*.

Buscando problematizar o lugar da psicologia na produção da subjetividade racista, na lógica racial brasileira, Maia e Zamora (2018) destacam como a política de branqueamento e os modos de incidência do racismo na vida de pessoas negras e brancas se atualizam e produzem sofrimento na contemporaneidade. As elaborações de Arthur de Gobineau, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna demonstram como o saber produzido na psicologia reforçou e reforça ideias derivadas do racismo científico, sendo ainda pouco frequente produções acadêmicas antirracistas.

O levantamento de publicações sobre relações raciais na psicologia, realizado por Santos *et. al.* (2020), reitera a mesma conclusão e aponta um apagamento ou silenciamento acerca da saúde e condição de vida da população negra, o que também pode ser compreendido como expressão do *epistemicídio*. Sendo assim, é urgente construir uma crítica à psicologia brasileira que nos leve a mudanças na produção de saber e consequências práticas no exercício da profissão (SANTOS, *et. al.* 2020).

Apesar da pouca atenção da psicologia em relação a temática racial, os estudos de branquitude e branqueamento, mobilizados a partir da participação e tensionamento feitos por movimentos sociais negros, denotam uma mudança de olhar na psicologia sobre as relações raciais, como defendido por Schucman e Martins (2017). Isto se dá em um notável movimento de afastamento das ideias produzidas por Nina Rodrigues, e a tendência de aproximação das discussões realizadas por movimentos sociais, reproduzindo discursos associados a ideias de Florestan Fernandes, Virgínia Bicudo, Neusa Santos Souza, Iray Carone, Maria Aparecida da Silva Bento, entre outras que admitem raça enquanto uma categoria social que hierarquiza e localiza os sujeitos na sociedade. Este é um tensionamento na produção

de conhecimento que representa uma afirmação de compromisso ético-político, por parte da psicologia, diante das desigualdades simbólicas e materiais que estruturam a vida da população negra.

Outro levantamento, realizado por Carvalho, Souza e Macedo (2020), reafirmou a grande lacuna na produção de conhecimento da temática racial, sinalizada por uma marginalização desse conteúdo em disciplinas optativas, em que se percebe pouca ou nenhuma expressão nos currículos dos cursos de psicologia do Brasil. O conteúdo é encontrado com maior prevalência junto aos estudos da Psicologia Social, Sociologia e Antropologia.

Os estudos sobre branquitude aparecem como centro nos tensionamentos da produção de conhecimento nos trabalhos de Abreu e Lima (2020) e Oliveira et. al. (2019). Ressalta-se que a normatividade branca tem sustentado a psicologia, como ciência e profissão, na medida em que se trabalha através da ideia colonial de uma humanidade universal, tendo o branco e a brancura como referencial do normal e do natural (ABREU, LIMA, 2020). Sendo assim, é necessário questionar como se vem produzindo conhecimento, rever as bases epistemológicas, caminhando para descolonização do saber psicológico em busca de perspectivas outras, sobretudo, em articulação com a realidade do sul global (OLIVEIRA, et al, 2019).

Quatro publicações foram agrupadas na subcategoria *Capacitação profissional* porque demonstram a fragilidade na atuação profissional e a consequente necessidade de investir em capacitações que disparem reflexões sobre o racismo, desenvolvendo senso crítico e sensibilização entre os trabalhadores.

Jesus, Santana e Castelar (2020) apontam que, embora exista um programa de combate ao racismo institucional no SUS, a temática racial não tem visibilidade na formação e capacitação dos profissionais, caracterizando um desafio para concretização de ações de enfrentamento ao racismo, visto que os profissionais encontram dificuldades para identificar e intervir em situações de discriminação e violência racial.

A experiência relatada por Mesquita (2020), mostra que é possível produzir uma noção de saúde antirracista, a partir da sensibilização de profissionais para importância de se considerar os efeitos de racismo nos processos de saúde da população negra. Para isto, são necessárias formações permanentes que permitam o cuidado qualificado em relação ao sofrimento proveniente do racismo, capacitação técnica que possibilite o cadastramento da raça dos usuários, debates que fomentam conhecimento sobre as relações raciais e o funcionamento de políticas públicas como a PNSIPN (MESQUITA, 2020). Torna-se cada vez mais necessário o aperfeiçoamento profissional para que uma consciência racial crítica possa ser construída na categoria de psicólogos (JESUS, SANTANA, CASTELAR, 2020).

Publicações dessa subcategoria também pontuam como as diferentes identidades raciais reverberam na atuação profissional. Um estudo com professoras autodeclaradas brancas, realizado por Martins e Zamora (2021), demonstrou a necessidade de que as educadoras se vejam como racializadas, entendendo a importância de discussões sobre relações raciais na formação profissional, uma vez que a relação docente-discente pode ser um espaço estratégico de conscientização racial e formação subjetiva de estudantes e docentes, para além da discussão escolar-curricular. Em outra situação inter-racial, Gouveia e Zanelo (2019), compartilharam percepções de mulheres negras em psicoterapia com profissionais brancos. Neste estudo, foi constatado um descontentamento em relação à formação dos profissionais em relação à temática racial, a não receptividade e incapacidade de explorar as experiências de racismo como produtoras de sofrimento. Os autores sugerem que a

capacitação profissional deve servir para que psicoterapeutas brancos construam consciência sobre sua identidade racial e enxerguem o sofrimento de base racial.

A subcategoria *Desenvolvimento de instrumento* apresenta apenas um texto. Nesta produção, Fernandes e Pereira (2019) apresentam como resultado principal uma Escala de atitudes étnico-raciais, apontada como instrumento útil para o estudo do racismo no contexto brasileiro, na tentativa de compreender suas características e repertórios. A aplicação da escala no estudo desenvolvido pelos autores indicou atitudes sobre a existência do racismo com alta adesão dos participantes, e, ao mesmo tempo, atitudes em relação as diferenças entre negros e brancos com baixa adesão. De outro modo, os entrevistados reconheceram a existência do preconceito racial, mas rejeitaram a ideia de que existem diferenças entre negros e brancos, característica condizente com o mito da democracia racial, em que a violência racial é mascarada com um falso convívio harmônico entre as racialidades do Brasil.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo, buscou-se analisar a produção científica sobre a temática racial dentro da Psicologia brasileira nos últimos cinco anos. Desse modo, foram constatadas publicações em todos os anos investigados, indicando que o debate sobre essa temática tem recebido mais atenção na área. A partir dos dados obtidos, foi possível observar o interesse em se discutir a produção de saberes fundamentados em críticas epistemológicas, capaz de compreender os efeitos psicossociais do racismo, e, principalmente, de elaborar estratégias de intervenção e práticas de cuidado antirracista. Apesar disso, o interesse é representado por um quantitativo insuficiente de produção, que precisa, ainda, ser incentivada e ampliada, frente a alarmante situação de genocídio, destruição dos modos de vida e possibilidade de produção de saúde da população negra.

Foram encontrados muitos relatos de manejos clínicos, entretanto, as intervenções assumem um caráter complexo, no qual considera-se aspectos estruturais. As contribuições sobre o entrelaçamento da luta antimanicomial e a luta antirracista servem de exemplo de como a psicologia pode reivindicar uma mudança estrutural, que rompa radicalmente com os mecanismos de manicomialização racial e consequente produção de sofrimento psíquico, para além das ações de desinstitucionalização, inaugurando outras éticas de cuidado.

Os estudos que trouxeram reflexões partindo do contexto da pandemia do Covid-19 também reafirmaram um forte aspecto estruturante na produção de sofrimento associado à experiência do racismo e refletem uma capacidade mínima da psicologia em assumir a centralidade do debate racial na conjuntura de crise sanitária atual, acolher demandas emergentes e buscar respostas através de ferramentas existentes como o fortalecimento de políticas públicas.

Ressalta-se que, embora seja reconhecida a necessidade de se criar instrumentos e metodologias que facilitem o estudo e prática da psicologia com as relações étnico-raciais, estes aparecem em menor quantidade e em nível experimental. A falta de amadurecimento metodológico representa uma lacuna na pesquisa sobre relações raciais na psicologia, sendo importante que essas dificuldades e desafios metodológicos sejam superados em investigações e produções futuras.

Provocações teóricas e metodológicas sinalizaram a importância do ensino e capacitação profissional para que produções e experiências, existentes e futuras, possam ser apreendidas, construindo uma diferença concreta em termos de

promoção de saúde para a população racializada. Para que a requalificação dos trabalhadores da saúde seja possível, no sentido de garantir o cuidado igualitário e de qualidade às populações invisibilizadas e historicamente marginalizadas, é fundamental investir em processos formativos de graduação e pós graduações em saúde, cursos e ações de educação continuada, programas e estratégias sistemáticas de educação permanente (MACEDO, SILVA, DIMENSTEIN, 2021), como também, reformar as grades curriculares e investir na troca de saberes construídos popularmente, entre profissionais, população e movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M.; LIMA, M. Corpo, Cultura e Subjetividade: Uma Abordagem Psicológica da Normatividade Branca. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. especial. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/z4fBPBCg7zMnFrdKyjggD8x/>>. Acesso em: jul. 2022.
- ALVES, M. C.; COSTA, E. S.; CASTELAR, M. Psicologias Antirracistas: Desafios Epistemológicos, metodológicos e ético-políticos. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 40, n. especial, p. 1- 5. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/qRJvQ7tSyvhYbgjHvD6dMBB/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: jul. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2016.
- BENEDITO, M. S.; FERNANDES, M. I. A. Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. especial. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6qtXvXGFnYmBfNwzhGSwjRM/>>. Acesso em: jul. 2022.
- BRIZOLA, J; FANTIN, N. **Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura**. RELVA, Juara, Mato Grosso, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.
- CARVALHO, A.; SOUZA, C.; MACEDO, J. P. Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. especial. 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1143552>>. Acesso em: jul. 2022.
- CÉSAIRE, A. **Cahier d'un retour au pays natal**. 1939.
- COSTA, A.B.; ZOLTOWSKI, A.P.C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S.H.; COUTO, M.C.P. de P.; HOHENDORFF, J.V. (Orgs.) **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55 - 70. Disponível em: <https://www.biosanas.com.br/uploads/outros/artigos_cientificos/18/6505082c2a7c23986651c7b1f7a4a92e.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2021.

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução nº 018/2002, de 19 de dezembro de 2002**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF>. Acesso em: 17 de setembro de 2021.

DAVID, E. C.; VICENTIN, M. C. G. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. especial 3, p. 264-277, out. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sdeb/2020.v44nspe3/264-277/pt/>>. Acesso em: jul. 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA. 2008.

FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E. Atitudes étnico-raciais: elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira. **Psico**, Porto Alegre, v. 50, n. 4. 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1049018>>. Acesso em: jul. 2022.

GONZAGA, P. R. B.; CUNHA, V. M. Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. especial. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bgPCS9rTtKx4yTPZmnLsvtp/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

GOUVEIA, M.; ZANELO, V. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em estudo**, v. 24. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/WLqvt9yG7rmBzz4kvp8TVSL/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

IGNÁCIO, M. V. M.; MATTOS, R. A. O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da pop. negra como questão. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 8, p. 66-78, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bZk5zrYsFQK9DC3kngVdRms/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

JESUS, K. C. O.; SANTANA, H. M.; CASTELAR, M. Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador- Bahia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. 2, p. 142-153, maio-ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/R59XJGgTWHfpgq5N6thMXqR/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

MACEDO, J. P.; SILVA, B. I. B. M.; DIMENSTEIN, M. Formação em Psicologia e políticas de equidade: desafios para atuar no SUS. **Psicologia em pesquisa**, v. 15, p. 1 - 24. 2021. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472021000200011>. Acesso em: jul. 2022.

MAIA, K. S.; ZAMORA, M. H. N. O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 2, p. 265-286. 2018. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2022.

MARTINS, A. L. B.; ZAMORA, M. H. R. N. Branquitude e Educação: Um Estudo com Professoras de Escolas Públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 396-415, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/61048#:~:text=O%20objetivo%20f oi%20investigar%20como,racial%20em%20sua%20pr%C3%A1tica%20profissional. >>>. Acesso em: jul. 2022.

MESQUITA, I. N. Projeto Dia do Orgulho Negro: uma experiência de saúde antirracista na Atenção Básica. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, n. especial, p. 30-54. 2020. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000200003>. Acesso em: jul. 2022.

NASCIMENTO, A. S.; SOUZA, G. F.; SILVA, M.; OLIVEIRA, M. S. "Pretitude" e o Afroperspectivismo em Psicoterapia: Desafios para a Abordagem Gestáltica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 927-946. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400006>. Acesso em: jul. 2022.

NETO, M. S. L.; JUNIOR, S. D. G.; MONTEAGUDO, P. M.; FERREIRA, J. B. Racismo, trabalho e psicologia: Provocações ético-políticas à luz da pandemia pela COVID 19. **Revista Psicologia para America Latina**, n. 35, p. 105-112, jul. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000100009>. Acesso em: jul. 2022.

OLIVEIRA, R. M. S. O. Cheiro de Alfazema: Neusa Santos Souza, Virgínia e racismo na psicologia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. especial, p. 48-65. 2020. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300005>. Acesso em: jul. 2022.

OLIVEIRA, E. C. S.; BATTISTELLI, B. M.; RODRIGUES, L.; CRUZ, L. R. Raça e Política de Assistência Social: Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. especial 2, p. 141-152. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/LZ8hqxvtQcpgBPdmVkrYJfd/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos(as). **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, jul-dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007>. Acesso em: jul 2022.

SANTOS, A. O.; SILVA, Y. F.; PAIXÃO, T. O.; SILVA, V. P.; OLIVEIRA, L. R. Publicações nas revistas de psicologia e relações raciais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. especial, p. 6-17. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300002>. Acesso em: jul. 2022.

SANTOS, S. B. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. 7ª ed. Edições Afrontamento. 1999. Disponível em: <<https://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/01/Pela-M%C3%A3o-de-Alice-o-social-e-o-pol%C3%ADtica-na-p%C3%B3s-modernidade.pdf>>. Acesso em: jul. 2022.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese - Universidade de São Paulo. São Paulo. p. 121. 2012. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: jul. 2022.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, p. 109-123. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672020000300009>. Acesso em: jul. 2022.

SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. especial, p. 172-185. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/CFM99XdXn4rxMPVjz5j5shy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.

SCHUCMAN, L. V.; NUNES, S. S.; COSTA, E. S. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. **Psicologia USP**, v. 28, n. 1, p. 144-158. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/130694>>. Acesso em: jul. 2022.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. A. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39. 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021514>>. Acesso em: jul. 2022.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. especial, p. 244-248, set. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>>. Acesso em: jul. 2022.